

DF - Cidade Estrutural

Estrutural, uma cidade sem lei

**BANDIDOS
COMANDAM O
TRÁFICO DE DROGAS
E IMPÔEM O TERROR
E A VIOLENCIA AOS
MORADORES DA VILA**

Jairo Viana

AVILA Estrutural é um dos locais mais violentos do Distrito Federal. Transformou-se em esconderijo de bandidos. Pessoas encapuzadas e armadas desfilam pelas ruas da cidade. As mortes e tiroteios, à noite, são constantes. Carros são depenados à luz do dia. O tráfico de drogas corre solto nas ruas estreitas da vila. É terra sem lei. E a Polícia Militar não entra na área sem autorização superior.

A denúncia do presidente do Conselho Comunitário da Vila Estrutural, Ivanildo Serafim, 40 anos, é confirmada pelos

moradores que se dispõem a falar com a reportagem. "Embora a maioria dos moradores seja composta por gente honesta e trabalhadora, a bandidagem tomou conta do local", explica Ivanildo.

Lá, impera a lei do silêncio, a exemplo dos morros do Rio de Janeiro, onde quem fala morre. E a maioria das pessoas se nega a falar, com medo de represálias dos bandidos.

Moradores denunciam a existência de duas fábricas de armas artesanais no local. "Um dos 'armeiros', conhecido como 'Tonhão', fugiu para o Piauí, depois de ter sido preso pela polícia. O outro continua no local",

conta um morador que pede anonimato.

Na quinta-feira, policiais da 3ª Delegacia (Cruzeiro Velho) apreenderam munição e uma escopeta de repetição, calibre 12, fabricada na Estrutural. Márcio André Silva Bezerra foi preso por porte ilegal de arma de fogo e pode ser condenado a quatro anos de reclusão.

Para o presidente do Conselho Comunitário da Vila Estrutural, o posto da Polícia Militar existente na entrada da vila "é de fantasia". Segundo ele, o posto "não tem viaturas e os policiais militares que dão plantão estão proibidos de entrar no local à noite, para realizar qualquer tipo de ação".

O chefe do posto, sargento Osvaldo Oliveira, confirma a ordem superior, afixada na parede, em um papel oficial. No entanto, ele explica que é para garantir a integridade física dos militares. "Mas se ocorrer qualquer alteração, pedimos reforço pelo rádio, que chega imediatamente", diz.

No entanto, o sargento garante que quatro viaturas fazem o policiamento ostensivo da área, todos os dias. Mas na sexta-feira, durante o período de mais de três horas em que a reportagem do Jornal de Brasília percorreu as ruas da vila, nenhum veículo da Polícia Militar foi avistado.

Ainda está presente na memória dos moradores da Estrutural a morte do soldado Rubens de Faria. Ela provocou a desastrada Operação Tornado, desencadeada pela Polícia Militar em agosto de 1998, que resultou na morte de três pessoas e ferimentos em várias outras.

**Lei do silêncio
impera na invasão,
a exemplo dos
morros cariocas,
onde quem fala
morre**



CIDADE sem nenhuma infra-estrutura e com segurança precária deixa a população à mercê dos marginais, que agem livremente

Casamento termina em tragédia

A falta de operacionalidade da Polícia Militar na Vila Estrutural é ilustrada pelos moradores com um caso de latrocínio (roubo seguido de morte), ocorrido na noite do dia 7 para 8 de dezembro de 2002, na Quadra 9, durante uma festa de casamento.

"O atraso dos policiais em chegar ao local foi a causa do crime", acusa um morador, que pede para não ser identificado. Ele conta que depois de avisados do assalto em andamento, os policiais levaram cerca de 40 minutos para atender ao chamado.

De acordo com os moradores, tudo começou por volta da meia-noite, quando um grupo aproximado de 30 convidados se divertiam na festa de núpcias.

De revólver em punho, três assaltantes (um maior e dois menores) invadiram a casa e renderam os convidados para roubar o aparelho de som, que animava o baile.

Em minoria, os assaltantes foram rendidos pelos convidados. Mas, um deles conseguiu fugir, pulando o muro. O dono da festa foi até o posto policial para soli-

citar aos militares que buscasse os dois presos.

Neste intervalo, o assaltante que havia fugido reuniu um grupo de marginais e, armado, voltou ao local para libertar os outros dois que estavam detidos pelos populares.

O grupo, formado por mais de 11 pessoas, chegou à casa da Quadra 9, abriu um buraco no muro e deu um tiro, acertando o peito de um dos convidados, que morreu na hora. Segundo testemunhas, o tiroteio durou mais de 30 minutos e por sorte

outras pessoas não foram atingidas.

Do grupo que participou do tiroteio, 11 pessoas foram identificadas e nove presas por policiais da 3ª DP. Segundo o delegado Luiz Andriano, quatro menores e cinco maiores estão presos e dois continuam foragidos.

Os cinco maiores foram encaminhados ao xadrez do Departamento de Polícia Especializada (PDE) e os menores para a Delegacia da Criança e do Adolescente (DCA) e depois para o Caje.